

Germana Henriques Pereira de Sousa
Alice Maria de Araújo Ferreira
Sabine Gorovitz

A TRADUÇÃO NA SALA DE AULA

ENSAIOS DE TEORIA E PRÁTICA DE TRADUÇÃO



EDITORA

UnB

A TRADUÇÃO NA SALA DE AULA

**ENSAIOS DE TEORIA E
PRÁTICA DE TRADUÇÃO**



Fundação Universidade de Brasília

Reitor Ivan Marques de Toledo Camargo
Vice-Reitora Sônia Nair Bão

EDITORA



UnB

Diretora Ana Maria Fernandes

Conselho Editorial Ana Maria Fernandes – Pres .
Ana Valéria Machado Mendonça
Eduardo Tadeu Vieira
Fernando Jorge Rodrigues Neves
Francisco Claudio Sampaio de Menezes
Marcus Mota
Neide Aparecida Gomes
Peter Bakuzis
Sylvia Ficher
Wilson Trajano Filho
Wivian Weller

LOQUUNTUR
TOBOPITB
S
PARLAKD
ERBLAR
SIARAD
K
ANGANGGO
SPRECHEN
DANIŞMAQ
KAZALIB
PAGSULTI
PRAAT

A TRADUÇÃO NA SALA DE AULA

ENSAIOS DE TEORIA E PRÁTICA DE TRADUÇÃO

KO
SNACAR
BERBICAR
U
A
M
R
O



EDITORA

UnB

Equipe Editorial

Gerência de produção editorial

Marcus Polo Rocha Duarte

Revisão

Beth Nardelli e Fernanda Gomes (Njobs Comunicação)

Capa e diagramação

Inara Vieira e Daniela Rodrigues (Njobs Comunicação)

Supervisão gráfica

Elmano Rodrigues Pinheiro e Luiz A. R. Ribeiro

Copyright © 2013 by

Editora Universidade de Brasília

Impresso no Brasil

Direitos exclusivos para esta edição:

Editora Universidade de Brasília

SCS, quadra 2, bloco C, nº 78, edifício OK,

2º andar, CEP 70302-907, Brasília, DF

Telefone: (61) 3035-4200

Fax (61) 3035-4230

Site: www.editora.unb.br

E mail: contato@editora.unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília

Sumário

Capítulo 1 - Espanhol, uma língua homogênea?17

Alba Escalante

- 1.1 Sobre a unidade e diversidade: um discurso sustentado em políticas linguísticas22
- 1.2 Unidade/diversidade: algumas vozes24
- 1.3 O que fazer ante o desencontro?28

Capítulo 2 - Ensino de Tradução Jurídica33

Alessandra Ramos de Oliveira Harden

Capítulo 3 - Existem dicionários de tudo e o tradutor

sabe disso!?!?55

Alice Maria de Araújo Ferreira

- 3.1 O dicionário metáfora de um mundo fragmentado!.....58
- 3.2 Tudo entra na forma dicionário, por isso, existem dicionários de tudo!60
- 3.3 Agora, falando sério! Os dicionários bilíngues e/ou interlinguísticos.....68
- 3.4 Para concluir o inacabado...71

Capítulo 4 - Traduzir: aspectos metodológicos e didáticos

no ensino da tradução.....73

Ana Helena Rossi

- 4.1 Diário de tradução: ferramenta para refletir sobre o processo de tradução76

Capítulo 5 - As relações perigosas na tradução.....91

Germana H. P. de Sousa

- 5.1 Les *liaisons dangereuses*, a obra e sua recepção na França 94
- 5.2 A análise de Rónai sobre as traduções feitas no Brasil.....105

5.3 Considerações finais.....	113
Anexos.....	116

Capítulo 6 - A “tradução transparente” como sensibilização à intercompreensão das línguas românicas 117

Jean-Claude Miroir

6.1 A tradução transparente	119
6.2 A intercompreensão entre as línguas românicas: português – francês	127
6.3 A aquisição do léxico como processo de tradução transparente	132
6.4 Considerações finais.....	136

Capítulo 7 - Ensino de tradução: algumas reflexões sobre a prática de tradução no par espanhol-português 141

Júlio Cesar Neves Monteiro

Capítulo 8 - Os dilemas do tradutor jurídico diante do texto que se detona 153

Mark Ridd

Capítulo 9 - Projeto final de curso de tradução..... 169

Sabine Gorovitz

9.1 O pré-traduzir	172
9.2 O traduzir	181
9.3 O pós-traduzir	188
9.4 A questão formal do trabalho acadêmico.....	191
9.5 Considerações finais.....	197
Referências	198

Capítulo 10 - Tradução intersemiótica: uma prática possível e eficaz nos cursos de tradução 199

Prof. Dr^a. Soraya Ferreira Alves



CAPÍTULO 1

**ESPAÑHOL, UNA LÍNGUA
HOMOGÊNEA?**

Alba Escalante



Espanhol, uma língua homogênea?: algumas questões sobre o tratamento da diversidade no ensino da tradução do par linguístico português-espanhol

Alba Escalante

A variação linguística na tradução é um tema notadamente sensível. O tratamento crítico dessa questão é um tanto delicado porque, em lugar de respostas prontas, um trabalho verdadeiramente sério, além de requerer extrema minuciosidade, supõe a impossibilidade de soluções definitivas. Dito de outra forma, discorrer sobre o assunto da variação não implica chegar a um acordo. O tom desta proposta se sustenta na ideia da vitalidade inerente às línguas. Tratar a diversidade de uma língua que conta com mais de quatrocentos milhões de falantes, significa reeditar o babélico da tradução, mito originário do qual tentamos fugir constantemente, mas que reaparece da mesma forma para lembrarmos as complexidades do ato de traduzir.

Neste capítulo serão desenvolvidas algumas questões sobre a variação da língua espanhola no contexto da tradução no par linguístico português-espanhol. Mas, antes de continuar, é necessário fazer algumas precisões, já que o tratamento da tradução entre duas línguas ditas *próximas* supõe desfazer uma primeira ilusão, a sua proximidade.

A proximidade, como recurso metafórico para falar de relações entre duas línguas *familiares*, é um recorte que tende a extirpar o que há de mais vital nesses sistemas. Por isso, deparamo-nos com a falácia quando a vizinhança é permeada da agudeza

própria da tarefa de traduzir. Seguindo a mesma linha metafórica, podemos supor que essas línguas comportam-se como os irmãos de uma mesma família, similares só na hora de dormir.

Outro ponto a ser sublinhado é o fato de que a variação do espanhol implica aceitar que a outra língua do par, o português, não é uma língua homogênea. Entretanto, aqui, ocupar-nos-á o tema da variação da língua espanhola resumida numa pergunta bastante simples e familiar: como lidar, na situação de tradução, com o tema da variação da língua?

A primeira colocação refere-se à motivação deste capítulo. O aluno do curso de tradução espanhol, enfrentado à atividade de versão¹ de um texto, demonstra uma evidente preocupação sobre a variação da língua espanhola. É interessante notar que o assunto aparece quando, na discussão sobre as escolhas de tradução, a variação se faz patente. A diversidade de escolhas é uma característica típica da atividade tradutória, mas no caso que referimos, algumas das diferenças nas escolhas de tradução são visivelmente motivadas pela variação linguística na língua de chegada. Isso deixa claro como, no Brasil, o percurso de aprendizagem da língua espanhola, embora disto pouco se fale, conta com uma presença representativa das diversas áreas geográficas do espanhol. Essa representatividade deve ser elogiada e diz respeito aos avanços que, nesta área, têm surgido no contexto brasileiro, em especial, com a relativamente recente aproximação entre Brasil e os vizinhos hispânicos, no marco de uma virada política econômica cuja origem tem como pano de fundo a globalização, ideia bastante popular ainda que ambígua.

Voltando à questão da versão, algumas dificuldades podem ser apontadas quando o objetivo é chegar a produzir um texto escrito numa língua estrangeira, ou seja, aquela que seria a língua do Outro. A versão, colocada em paralelo com a tradução, sugere

1 Entende-se como versão a atividade tradutória de um texto originalmente escrito em português (língua materna do aluno) que deverá ser reescrito em língua espanhola (língua de chegada).

a ideia do abandono de certa *zona de conforto*. Contudo, seria interessante pensar se é possível estabelecer espaços na tradução, ou se, contrariamente, a tradução é o espaço onde se materializa na sua ambiguidade. Ela seria o próprio e o alheio, o trânsito de fronteiras profundamente permeáveis, o hábitat de um lugar entre dois.

Um parâmetro para tratar a variação da língua espanhola pode consistir na diferenciação das chamadas zonas ou variedades geográficas. Esse mapeamento permite localizar algumas áreas considerando certos traços da língua (semântica, fonética e sintaxe). No entanto, os critérios que sustentam essa classificação são bastante limitados, daí que a sua utilidade seja somente de tipo orientativo. Além da localização geográfica, o fenômeno da variação apresenta uma série de nuances fundamentais, das quais temos menos evidências. O fenômeno da variação encontra-se atrelado a outras questões que não as de localização territorial com nome de país.

Entende-se traduzir como uma experiência que implica uma aproximação à linguagem, não só às línguas. Isto requer pensar na existência de um sujeito determinado por sua constituição sócio-histórica. Nesse sentido, vai por água abaixo qualquer tentativa de prescrição sobre o que conforma a chamada língua espanhola, e sua tradução.

Um argentino, nascido em Buenos Aires, que viveu a sua infância e juventude no meio dos embates da ditadura, terá uma forma de construir seu dizer das coisas do mundo diferente de outro sujeito nascido, na mesma época, em outras latitudes, embora compartilhem a mesma língua materna. Isto se faz evidente quando, em situação de interação, esses dois sujeitos, fazendo uso da mesma língua, constroem discursos marcados pela particularidade seja para expressar opiniões sobre questões quotidianas ou para proferir seus pontos de vista sobre assuntos mais delicados. Numa discussão sobre as contingências políticas atuais no mal denominado *mundo árabe*, a língua se encarregará

de demarcar, não só a diversidade de opiniões, mas também a diversidade de formas utilizadas na prática discursiva.

Para tratar desses assuntos, ainda que não de forma exaustiva, neste capítulo apresentarei questões gerais relacionadas à unidade e diversidade do mundo hispânico, ilustrando com alguns exemplos como isso se apresenta como discussão e tema a ser promovido na situação de tradução. Acredito que o reconhecimento do conflito dentro da comunidade de falantes de língua espanhola é uma via interessante para apresentar ao aluno um panorama mais claro.

Finalmente, esboçarei algumas recomendações que permitam ao estudante se orientar sobre um tema que vai requerer dele um trabalho constante e autônomo. Neste ponto é importante insistir na inutilidade de oferecer soluções prontas, já que além de ser um contrassenso, restaria qualquer importância à reflexão sobre o tema. Espera-se tratar o assunto numa perspectiva suficientemente ampla para convidar o leitor a fazer seu próprio percurso posterior.

1.1 Sobre a unidade e diversidade: um discurso sustentado em políticas linguísticas

O que determina a aceitação de um determinado uso linguístico? É justamente a aceitação de uma comunidade, um Outro como garantia de que há, na intenção de comunicar, pelo menos, algum efeito. Nesse espaço que constitui o sujeito e a sociedade da qual ele participa, deve entender-se a língua espanhola dentro de uma genealogia própria, comum a um conjunto de países espalhados pelo mundo: uma pequena parte da Europa (Espanha), e do outro lado do oceano, em uma porção bastante ampla do continente americano, além das ilhas Filipinas. Entretanto, negar as particularidades de cada um dos países membros deste conjunto, geograficamente fragmentado,

significa ser refém voluntário da própria linhagem, espécie de Síndrome de Estocolmo da colonização.

Quais são as vias utilizadas para estabelecer o mapa sugerido pela repetida frase: unidade dentro da diversidade? Uma opção muito frequente se resume à compilação de palavras, obras dedicadas à variação da língua espanhola, os conhecidos dicionários de “ismos”, cuja utilidade não pretende ser negada. No entanto, seu uso está longe de ser uma alternativa adequada para atingir o problema de forma medular.

Seria muito simples pensar que se trata de decidir entre: *papagayo*, *papelote*, *cometa* ou *barrilete*, na hora de traduzir a palavra *pipa*. Pensemos nas implicações disso em se tratando de nomeações diferentes para uma brincadeira de criança. Por que haveria de ter nomes diferentes uma mesma atividade? O que aconteceria se um grupo de tradutores se reunisse para decidir uma equivalência para a palavra *pipa*? Como numa brincadeira de criança, alguém vai sair perdendo.

Exemplos desse tipo são inúmeros no cotidiano, basta sentar numa mesma mesa vários representantes dos países hispânicos para materializar a chamada unidade/diversidade. Fazemos do Outro um *alter-ego* e, ao mesmo tempo, traçamos diferenças. O paradoxo de falar uma língua e ser, por outro lado, portadores e transmissores de uma cultura que nos é própria, ora similar à de outro falante de espanhol, ora diferente.

De início, podemos concordar com a ideia da unidade dos falantes de espanhol. É fato que, de alguma forma, falamos a mesma língua. Moreno (2000), ao se referir ao sucesso das novelas mexicanas e venezuelanas, ou a existência da rede televisiva CNN, cujo espanhol “neutro?” permite um alcance maior na audiência, aponta às evidências dessa unidade. Mas sabemos que isso, no mundo globalizado, é sintomático. A necessidade de sermos um. Artifício criado, e por nós consentido, quiçá como medida de proteção numa sociedade que vê com desconfiança tudo aquilo que é diferente.

Mas essa unidade é também produto da ação continuada de grupos institucionais que visam ao consenso em relação à língua, entendendo que os acordos devem ser fruto de discussões prévias e não de imposições unilaterais, são as chamadas políticas linguísticas. Nessa linha o trabalho empreendido promove o desenvolvimento de ações para aumentar e solidificar bases comparativas entre culturas que compartilham a mesma língua, mas que possuem traços particulares. Uma perspectiva que aponta não só ao reconhecimento das semelhanças e das diferenças, mas que oferece argumentos explicativos, na tentativa de estabelecer mecanismos de validação ou invalidação. No entanto, muitas dessas iniciativas se limitam a criar novas justificativas para estabelecer a prescrição como alternativa única para atingir um objetivo determinado, geralmente político-econômico.

As metas estabelecidas no marco das políticas linguísticas não acontecem num espaço verdadeiramente dialético, do qual possam ser extraídos traços solapados, que permitem aprofundar as especificidades dessa unidade/diversidade tão discutida pelos especialistas e tão atrativa para os leigos.

A natureza lúdica das crianças possibilita que, embora a atividade seja chamada de formas diferentes, todos a compartilhem. Mas em se tratando de políticas linguísticas, o imperativo é o consenso a qualquer preço. O assunto não deve ser pacífico, afinal, o que está em jogo são outros interesses. Coisas de adultos.

1.2 Unidade/diversidade: algumas vozes

Como já foi mencionada, a questão da diversidade ocupa a grande parte da comunidade de especialistas. Alguns trabalhos reúnem escolhas lexicais, aspectos fonéticos e gramaticais, numa perspectiva comparativa entre zonas de localização geográfica. Um exemplo deste tipo de trabalho é o de Moreno (ver quadro). Embora bastante aceito na comunidade de especialistas, esse

esboço limita-se a traços linguísticos, ignorando questões de ordem pragmática, entre outras. Trata-se de um mapa sinóptico bastante útil como orientação, mas de alcance limitado.

Quadro 1: Distribuição do espanhol em áreas geoletais

Áreas (denominação)	Regiões Representadas (exemplos de cidades)
Caribenha	San Juan de Puerto Rico; La Habana; Santo Domingo
Mexicana e Centro-americana	Cidade do México
Área Andina	Bogotá; La Paz; Lima
Área Rio Platense e del Chaco	Buenos Aires; Montevideú; Asunção.
Área chilena	Santiago
Castelhana	Madrid; Burgos
Andaluza	Sevilla; Málaga; Granada
Canária	Las Palmas; Santa Cruz de Tenerife

Fonte: Adaptado de Moreno (2000, p. 38).

Outras pesquisas estão dedicadas ao contraste entre o chamado Espanhol Peninsular e o Espanhol da América. Nessa linha, um exemplo referido ao léxico, citado por Haensch (2001; 2002) é o do termo *allanamiento (de morada)*. O que na Espanha é um delito (penetração ilícita do imóvel), na América conta com respaldo legal.² Numa situação de tradução a correspondência entre *invasão de domicílio* e *allanamiento de morada*, seria possível unicamente em se tratando de um texto destinado ao receptor peninsular, pois ambos compartilham o valor de ilegalidade. As repercussões de um erro de tradução neste caso são suficientemente evidentes, no entanto, o que deve ser colocado como advertência é que o dicionário da RAE³ registra, exclusivamente, o uso peninsular.

2 [...] el allanamiento (de morada) es en España un delito (penetración ilícita en un inmueble...); en América, en cambio, allanamiento significa que la policía penetra legalmente en el domicilio de una persona (HAENSCH, 2001, p. 64).

3 Disponível em: <<http://buscon.rae.es/draeI/>>.

Haensch também esclarece que as diferenças léxicas não estão restritas aos espaços geográficos separados pelos oceanos, mas também entre os territórios localizados em zonas contíguas, e adverte que “não existe um ‘espanhol da América’ como um conjunto mais ou menos homogêneo, mas muitas variedades do espanhol com diferentes percentuais de coincidência e divergências frente ao espanhol peninsular”. (HAENSCH, 2001, p. 64)⁴ Estes são fatos que repercutem de forma determinante nas áreas de tradução e ensino de espanhol.

Existe a pretensão de estabelecer níveis sobre a maior ou menor homogeneidade dos territórios continentais. Alguns linguistas espanhóis apoiam a hipótese de que, comparado com a Espanha, o espanhol da América é muito mais homogêneo. Outros se manifestam contrários a essa hipótese. Para estes últimos, a dita homogeneidade do espanhol da América é produto de um mito sustentado, ora no desconhecimento, ora na metodologia utilizada. O que parece estar claro é que a unidade do espanhol é maior em níveis linguísticos situados acima do padrão, isto é, onde não há outro tipo de variação: diatópica, diastrática ou diafásica.

No anuário de 1998 (MORENO, 2000), o Instituto Cervantes, instituição espanhola criada em 1991 e presente no Brasil desde o ano 2005, apresenta sua visão sobre a unidade/diversidade da língua espanhola ressaltando, dentre as principais características, a homogeneidade da língua, sua internacionalização e geografia compacta. As mesmas estão sustentadas, segundo argumenta o estudo, nas características físicas da língua (número vocálico e consonântico), a contiguidade territorial no caso da América hispânica e a possibilidade de comunicação numa comunidade plurilíngue por meio de uma língua veicular.

⁴ “no existe un ‘español de América’ como un conjunto más o menos homogéneo, sino muchas variantes del español con diferentes porcentajes de coincidencia y de divergencia frente al español peninsular (HAENSCH, 2001, p. 64).

A ideia de unidade que percorre o âmbito institucional funda um discurso político que fará da diversidade uma ressalva da qual são apagadas as consequências históricas dos processos de colonização, e dos posteriores fenômenos de imigração ainda vigentes.

Outra menção que serve para traçar um panorama do estado da arte é a implantação dos *Congresos Internacionales de la Lengua Española*, promovidos pela Espanha, nos quais este debate é sistematicamente incorporado na agenda. Uma análise dos títulos e das intervenções revela como os representantes da América hispânica ainda lutam por sair da posição periférica de nação colonizada. Um exemplo disso é a existência do *Dicionário Panhispânico de Dudas*, e o anúncio do *Diccionario de Americanismos*, feito no ano 2007, na 5ª edição do evento, realizada na cidade de Cartagena (Colômbia). Essas obras contam com a participação ativa de um grupo representativo de membros das academias dos diferentes países da comunidade hispânica. A antiguidade desse problema ficou manifesta na intervenção do escritor venezuelano Oscar Sambrano Urdaneta quando, ao mencionar o importante humanista Andrés Bello,⁵ fez questão de lembrar os mais de 150 anos que se passaram desde a publicação da sua obra intitulada: *Gramática de la Lengua Castellana destinada al uso de los americanos*.⁶

O relevo é sinuoso, por isso é necessário abrir o leque para apresentar outras perspectivas. Convenhamos que não se trata só de traduzir línguas. Assim, pesquisas como as de Briz (2004) de cunho sociolinguístico, dedicadas à atenuação da cortesia, discorre sobre a ideia amplamente estereotipada da descortesia dos espanhóis. Para isso, ele analisa a frequência

5 Andrés Bello (Caracas, 1781 – Santiago de Chile, 1865).

6 Gramática de la lengua castellana destinada al uso de los americanos. Disponível em: <<http://www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/04694925499104944157857/index.htm>>. Acesso em: 3 out. 2008.

de atenuantes, elementos da língua que permitiriam revelar intenções de aproximação entre interlocutores em situações de conversação coloquial. O resultado desses estudos revela que, mesmo comparado com algumas regiões da América, o uso desses atenuantes permite afirmar que a espanhola é uma cultura que tende à aproximação. O mesmo traço estudado por Puga (1999) sobre o espanhol coloquial do Chile indica o excesso de cortesia interpretado como uma estratégia para disfarçar o que realmente se quer dizer, seja para evitar a confrontação ou para evitar ferir.

Essas pinceladas de encontros e desencontros sobre a língua nossa de cada dia, longe de estarem resolvidos, são peças emblemáticas da nossa constituição. A tradução poderá permitir acordos momentâneos e parciais, mas pela sua natureza subversiva, surgirá como espaço paradigmático para nos aproximar desse precioso fenômeno, o paradoxo da unidade/diversidade da língua espanhola.

1.3 O que fazer ante o desencontro?

Generalizar é um exercício complicado, redutor, mas há generalizações necessárias e uma delas consiste em afirmar que em tradução qualquer coisa que pareça uma receita para traduzir deve ser vista, no mínimo, como exercício de ficção. Traduzir como uma experiência que implica a linguagem, eis uma generalização comprovada, mas esta não pode ser reduzida a uma lista de passos. Basta sentar ante um texto e começar a traduzir para saber disso.

Contrário às generalizações, as recomendações são um ponto de partida, elas servem para refletir na intimidade do quarto ou, melhor, para submetê-las a discussão com os pares, embora saibamos que no final não haverá acordos. Traduzir implica, também, uma leitura e uma escrita. Um tipo especial de leitura e de escrita.

O que destilam as palavras? Cultura, história, ideologia, subjetividade. Os sinais de alerta, sempre acesos, devem dobrar cuidados quando se tratar de questões que, pela sua natureza, impliquem uma menção de aspectos constitutivos da cultura: situações de interação, menções de cunho cultural ou formações discursivas sobre tempo, alimentação, ou clima, para mencionar algumas.

Devemos entender as normas editoriais como convenções, imposições das quais muitas vezes não podemos fugir. Isso não implica assumir como correto ou incorreto a escolha de *bosque* ou *selva* como tradução de *floresta*, ou que no caso de traduzir *salí sem guarda-chuvas e fiquei empapada*, a escolha verbal possa ser analisada tendo como único critério as relações de proximidade temporal. Existe algo mais subjetivo e ao mesmo tempo convencionalizado do que o curso do tempo?⁷

O texto literário, por outro lado, pode ser um caso paradigmático em que a variação poderia ser um fator que jogasse a favor. *Anacardo*, *cajuil*, *merey* como possíveis traduções de *caju*, apresentam uma versatilidade sonora compatível com o exercício de tradução que prima o som, o ritmo, um bom prato para ser degustado com tranquilidade.

Outros textos, nos quais se apresentam situações de interação, deveriam contemplar as questões da variação numa perspectiva pragmática. Mas cabe, também, advertir o risco de optar por uma direção estereotipada.

Independentemente do texto, a recomendação geral consiste em escapar aos limites do conhecimento dicionarizado da palavra para procurar o saber da linguagem. Esta tarefa abre uma possibilidade para que o aluno mergulhe no exercício de versão como um território de pesquisa sobre a língua. O fato de ser *nativo* não garante que o tradutor saiba se deslocar pelas

7 Duas opções de tradução passíveis de serem encontradas para traduzir essa frase são: a) *salí sin paraguas y me empapé*; b) *salí sin paraguas y me he empapado*.

irregularidades dos textos. Daí que o exercício de versão ou tradução seja também um exercício de apropriação.

Outro caminho consiste em ampliar as margens de pesquisa de políticas editoriais incluindo não só os grupos da Europa, mas especialmente os grupos constituídos por Brasil e outros países de América hispânica. Essa pode ser uma via de alcance para as demandas do mercado. Nesse sentido, o trabalho de tradutores bem preparados, reunidos em organizações representativas, permitiria o desenvolvimento de políticas e, em consequência, da revalorização da atividade. O tradutor, além de traduzir, deve ser um agente ativo no estabelecimento de políticas linguísticas.

Os problemas do servilismo na tradução não se limitam à ideia do autor. Há também uma posição servil à prescrição. O apego à tradição, estimulado por um suposto amparo oferecido, nega o que há de mais real na linguagem. Podemos ser aparentemente unidos, sim, pela língua, mas também separados pela linguagem, matéria-prima do ato de traduzir.

Reconhecer os limites dessa pretendida unidade implica aumentar os limites da desconfiança, ficar por dentro da discussão que acontece na comunidade de falantes da língua espanhola, vislumbrar nesses eventos de comemoração pública da língua o que há de repetição como estratégia para naturalizar categorias. As afirmações de unidade aparentemente descritiva são, de fato, os atos que a criam (DEL VALLE, 2007, p. 94).⁸

Falamos a mesma língua, e com ela ou por ela protagonizamos entendimentos e desentendimentos, mas é desses últimos, dos desentendimentos e da necessidade de esclarecimentos, que surgem os mecanismos que dão vida aos processos de troca discursiva albergados nas sociedades. Processos dinâmicos e sempre inacabados. É preciso sublinhar o risco de considerar os produtos elaborados sob o selo do *panhispanismo*, ou quaisquer

8 “Las afirmaciones de unidad aparentemente descriptivas son de hecho los actos que la crean” (DEL VALLE, 2007, p. 94).

etiquetas semelhantes, sem pretender subestimar o valor inerente, legado de uma suposta homogeneidade resumida em centenas de páginas impressas, produto da seleção de uns quantos, trajados de autoridades, que percorrem as cidades na caça de uníssonos. Entendemos o que está por trás das evidências de unidade é a própria diversidade, fenômeno cuja complexidade revela ideias, valores, pensamentos, sentimentos e demais ingredientes que o constituem em fonte infinita de pesquisa apoiada pelo exercício ético que compete a nós, operários da linguagem.

Referências

BRIZ, E. A. *Cortesía verbal codificada y cortesía verbal interpretada*. In: Bravo, D. y Briz, E. A. (coord.). *Pragmática sociocultural: estudios sobre el discurso de cortesía en español*. España: Ariel, 2005, p. 67-94.

DEL VALLE, J. *La RAE y el Español Total. ¿Esfera pública o comunidad discursiva?*. In: *La lengua, ¿Patria Común? Ideas e Ideologías del Español*. Madrid: Vervuert Iberoamericana, 2007, p. 81-96.

HAENSCH, G. El español de América y el español de Europa. *Panacea@. Boletín de Medicina y Traducción*, v. 2, n. 6, p. 64-72. Dic. 2001. Primera parte. Disponível em: <http://www.tremedica.org/panacea/PanaceaPDFs/Panacea6_Diciembre_2001.pdf>.

_____. El español de América y el español de Europa. *Panacea@. Boletín de Medicina y Traducción*, v. 2, n. 6, p. 37-64. Mar. 2002. Segunda parte. Disponível em: <http://www.tremedica.org/panacea/PanaceaPDFs/Panacea7_Marzo2002.pdf>.

MORENO, F. *Qué español enseñar*. Madrid: Arco Libros. 2000. (Cuadernos de didáctica del español/LE).

PUGA, J. Elusión e insinuación: la atenuación en el castellano de Chile. *Revista de Lingüística Teórica y Aplicada*. v. 37, Jan, 1999, p. 123-138.

A obra que ora apresentamos, *A tradução na sala de aula: ensaios de teoria e prática de tradução*, é resultado da experiência em salas de aula do Curso de Bacharelado em Letras-Tradução, situado no Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução/Instituto de Letras, da Universidade de Brasília, cujo percurso acadêmico perfaz trinta e um anos. Essa rica experiência na formação profissional de tradutores, em um dos cursos pioneiros do Brasil neste campo, serve-nos de referência e embasamento para as *lições* que aqui descrevemos. Falamos em *lições* e *sala de aula*, palavras cujos conceitos foram amplamente estendidos graças às novas tecnologias de comunicação ligadas ao ensino, porque este se quer um manual para o aluno dos cursos de graduação que procura estratégias de abordagens de textos que o preparem para o exercício da tradução, e também pistas para a análise crítica da obra traduzida. Contudo, não se trata apenas disso. O estudante de línguas e literaturas estrangeiras modernas, ou aluno de Letras de um modo geral, ou ainda o aprendiz ou profissional de tradução poderão aqui encontrar alguns caminhos metodológicos para acercarem-se das questões envolvendo a prática e a crítica tradutórias, nos mais diversos âmbitos.

